



# BLUMENAU

em **CADERNOS**

TOMO III - N° 12

DEZEMBRO

1960

**BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE STA. CATARINA S/A**  
— INCO —

ITAJAÍ — Sta. Catarina

**FÁBRICA DE GAITAS**  
“ALFREDO HERING” S/A  
Comércio e Indústria

Caixa postal, 115 — Blumenau

**INDÚSTRIA TÊXTIL COMPANHIA HERING**

Caixa postal, 2 — BLUMENAU

**FÁBRICA DE CHOCOLATE**  
“SATURNO”

M. Kaeser S/A

Caixa postal, 55 — BLUMENAU

*A Todos os Seus Fregueses e Amigos*

*Desejam*

**BOAS FESTAS FELIZ ANO NOVO**

**TECELAGEM KUEHNRIK S/A**  
Caixa postal, 59 — BLUMENAU

**EMPRESA FORÇA E LUZ SANTA CATARINA S/A**  
Caixa postal, 27 — Blumenau

**COMPANHIA COMERCIAL  
SCHRADER**

Comércio e Representações  
Oficina mecânica  
Caixa postal, 4 — BLUMENAU

**MALHARIA BLUMENAU S/A**

Caixa postal, 88 — BLUMENAU

**PREFEITURA MUNICIPAL  
DE  
BLUMENAU**

**SOCIEDADE AMIGOS DE  
BLUMENAU  
CASA DOUTOR BLUMENAU**

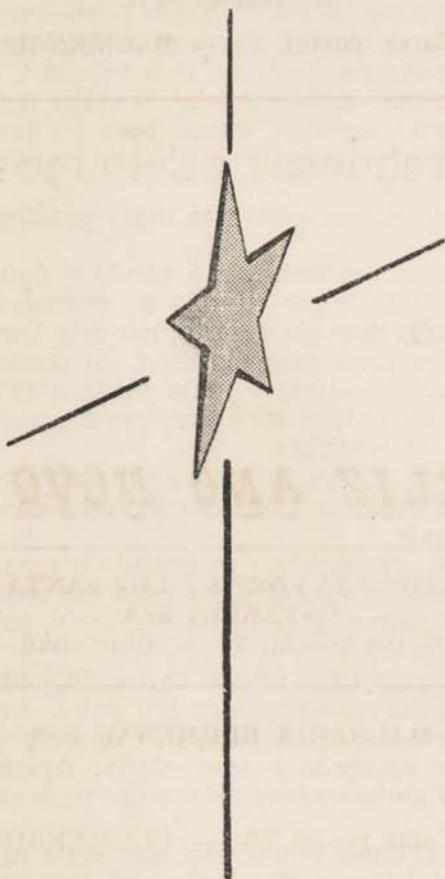
# BLUMENAU

## em CADERNOS

Tomo III

DEZEMBRO DE 1960

N.º 12



Eis-nos chegados, com este número, a mais um marco da nossa caminhada.

Como nos anos anteriores, também no que se passou, demos, a este mensário, o melhor dos nossos esforços para superar as dificuldades sem conta, que encontramos pela frente.

A boa vontade com que nos auxiliaram os nossos assinantes, cooperadores e amigos e, especialmente, o auxílio que nos prestaram a Câmara e a Prefeitura Municipal de Blumenau, concorreram, de maneira decisiva, para que conseguíssemos vencer mais essa etapa, evitada de percalços e de contrariedades.

Somos, por isso, muito gratos a todos. Sem esse amparo moral e material teríamos, certamente, parado em meio à vereda que vimos trilhando.

Agradecemos, também, aos nossos prezados colaboradores, aos que trouxeram, a estas páginas, a sua contribuição intelectual, emprestando-lhes brilho e interesse, tornando-as o magnífico repositório de conhecimentos históricos sobre o Vale do Itajaí, em que os "CADERNOS" já estão, definitivamente, consagrados.

Temos a certeza de que, no ano que passou, cumprimos o nosso dever, concretizado no programa que nos havíamos traçado desde o primeiro número desta revista.

Não nos faltem, daqui por diante, a solidariedade e o irrestrito apoio de quantos, até agora, nos têm assistido, abnegada e patrioticamente, e, com a

ajuda de Deus chegaremos, também, ao fim do quarto tomo, a iniciar-se com a edição de janeiro, próximo.

Desejamos que 1961 seja, para todos, um ano de bênçãos e de prosperidades.

E que, com o novo governo que ele trará ao país, possamos continuar usufruindo paz e tranquilidade e trabalhando, com entusiasmo e despreendimento, pela grandeza do Brasil.

Boas Festas e um feliz Ano Novo a todos!

# O VALE DO "VELHA", outrora e hoje

Gertrud G-HERING

Quando, há pouco tempo, tive que atravessar o acidentado caminho da "Velha", não pude deixar de me sentir maravilhada pelo progresso que beneficiou todo o vale, em poucos anos.

Por tôda parte, vida e entusiasmo no comércio, nas indústrias, na agricultura e pecuária, esta última já impelida mais para o fundo.

No primeiro plano, próximo à estrada e nas pequenas elevações, erguem-se lindas moradias, vilas que denotam extraordinário bom-gosto, que nada ficam a dever às das grandes cidades.

Os meus pensamentos arrastavam-se para os tempos da minha meninice, quando, lá pelos meus seis anos de idade, tomei parte num passeio pela "Velha", com minha mãe e irmãos e outros conhecidos.

Havia, antigamente, um único caminho para se ir à "Velha", à beira do qual surgiam algumas casinhas. Aqui também, o mato fôra derrubado em grande extensão e havia, apenas, umas duas ou três casas até onde hoje entronca a nova estrada da "Velha" com grandes áreas baldias de permeio.

Dali em diante, o caminho se estreitava, cada vez mais próximo da mata.

Lembro-me bem que eu contara três casinhas até aonde a água atravessa o caminho. Naturalmente, êsse lugar eu não o encontrei mais agora. Até o nome de um morador daquele deserto, naquele tempo, eu me recordo ainda: era Steinert, uma casa cinzenta, de pedras numa elevação. A família trabalhava a salário e mais tarde a feia casa de sua propriedade, já em mãos de outros, foi transformada num dos salões de baile e de pancadarias do subúrbio.

Recordo-me, igualmente, da tristeza que me invadia a alma ao contemplar as queimadas para as roças, onde os troncos enegrecidos me davam a impressão de lousas sepulcrais.

Devíamos ter andado, no máximo, um quilômetro quando o caminho se transformava em simples picada. A capoeira era cada vez mais densa e, ao ouvirmos o concôrto dos monos, à pequena distância, julgamos mais prudente regressar.

Alguns anos mais tarde, acompanhei uma colega de escola, um pouco mais idosa que eu, que deveria dar um recado de seu pai a um colono morador da "Velha" até àquêle lugar. Algumas casas novas já tinham surgido e o caminho fôra alargado e aumentado. Apesar disso, nada de tráfego. Nem mesmo encontramos viva alma pelo caminho.

O colono Wagenknecht, um dos últimos moradores, que vivia numa casinha com a mulher e os filhos, quando ali chegamos, e era um domingo de manhã, trabalhava na roça. E só eu sei o medo com que fizemos o caminho até lá.

O mato era denso e só enxergávamos o céu acima de nós. O silêncio era enervante e sentimo-nos felizes quando encontramos, afinal, o colono.

Na volta, tivemos que atravessar um riacho. Se era o “Velha”, ou algum confluente, não sei dizer. Mas sei que atravessava o caminho.

Ainda não tínhamos saído da água, quando ouvimos, à grande distância atrás de nós, o rugido de um tigre. (Por favor: era mesmo de um tigre e não de uma vaca, como quiseram nos fazer acreditar).

Naturalmente, puzemo-nos a correr quanto podíamos. O urro não nos era estranho, pois a uns 25 metros da nossa escola, na rua das Palmeiras, havia, no pátio da estação telegráfica, sôbre um montão de lenha, uma jaula de madeira com um grande tigre preto (onça) que, de quando em quando, e até que não estivéssemos a êles acostumados, nos metia muito medo com os seus berros. Êsses berros eram respondidos por outro tigre, da Ponta Aguda.

Os colonos da “Velha”, mais tarde só os da “Velha Central”, muito tiveram que se preocupar com os indesejáveis hóspedes que eram os tigres. Êstes costumavam vir à noite, rastejando, até os chiqueiros e cocheiras, onde apanhavam os porcos e os bezerros.

O último tigre foi ali morto há uns vinte anos.

Ao pensarmos nisso, agora, em meio à civilização que tudo avas-salou, com o seu comércio, as suas indústrias, as suas casas suntuosas, parece-nos recordar contos dos velhos tempos dos romanos com as suas feras nas arenas.



**E**M 1860 entraram na colônia Blumenau, em fevereiro, 4 imigrantes; em julho, 20; em setembro, 34; e em dezembro, 33. Ao todo 91 imigrantes, dos quais 69 distribuídos por 19 famílias e os restantes 22 eram rapazes solteiros.



## TRINKSPRUECHE

Em aditamento à coleção de sentenças, que publicamos no número passado, dêstes “Cadernos”, sob o título acima, juntamos mais estas, da coleção de Dona Cora Sasse Busch:

“Ein Trunk zur rechten Zeit  
Hat stets das Herz erfreut”

“Sendo própria a ocasião,  
Um traguinho alegre o coração”.

“Lebenssonnenschein  
Is trinkend und liebend  
Fröhlich sein”

“Bebendo e amando com alegria  
Tens o sol na vida”

“Prosit! Prosit!  
Trink nicht zuviel  
Halt Mass und Ziel!”

“Viva! Viva!  
Não beba demais!  
De alvo e medida  
Não descuide jamais!

“Einen Tanz in Ehren  
Darf niemand verwehren”

“Uma dansa, sem abusar,  
Não convem recusar!”

# REFLEXÕES E MEMÓRIAS

## de um deputado de bitola estreita

MARCOS KONDER

De bitola estreita chamava-se no nosso tempo os deputados estaduais, de bitola larga os federais. Os governadores antigamente eram presidentes do Estado. Havia os Congressos Representativos, hoje chamam-se Assembléias Legislativas. Nomes novos para Instituições velhas. Os subsídios eram mais para cargos honoríficos. Percebia um deputado 20\$000 por dia ou 600\$ a 620\$ por mês e 1 conto de réis de ajuda de custo. As sessões eram apenas de dois meses por ano, no caso de prorrogação não se recebia nada.

No nosso tempo havia apenas para todos os cargos de representação o quadriênio, agora são cinco anos. Hoje já vale a pena ser deputado.

Na República Velha, sem o voto secreto, a representação era constituída dos chefes políticos locais e principalmente dos capitães do comércio e da indústria e representantes das profissões liberais, quase sempre doutores. O nível intelectual do Congresso era bastante elevado.

Quando assumi o cargo de deputado fui eleito secretário da mesa, passando mais tarde a ser o primeiro secretário. Já era então uma espécie de sub-líder. Na Convenção partidária que escolheu os candidatos a Presidente do Estado para suceder Felipe Schmidt foram apresentados Lauro Müüller para presidente, para vice-presidente Hercílio Luz. Não votei em Hercílio para vice e sim em Abdon Batista, candidato de Lauro Müüller. Apesar disto fez Hercílio questão de convidar-me para lider. Não havia então ainda oposição séria, graças ao conagraçamento da família catarinense, ideada e posta em prática pela visão superior do grande diplomata político Lauro Müller. O líder era então um elemento de ligação entre os poderes legislativo e executivo devia, por conseguinte, gosar de certo prestígio dentro do Congresso.

Para mim que não era, na frase de Guerra Junqueiro, como todo mundo, bacharel formado, a tarefa não era fácil. Não possuía nem diploma de um curso secundário. Naquê tempo ainda não havia ginásios em Santa Catarina. Afóra a escola alemã da Frau Stahnke, em Itajaí, onde me desemburrei, frequentei em Blumenau o Colégio São José do Padre Jacobs, a Escola Nova do Pastor Faulhaber e o Colégio Santo Antônio. O curso era uma mistura de ensino elementar, complementar e secundário. Mas, a escola secundária forma apenas a base vital para os estudos de cursos superiores e especializados. Consegui depois da saída do colégio, com as aulas de gramática portuguesa e literatura, esta apenas de autores brasileiros, portugueses e francêses, lendo e estudando, adquirir uma certa cultura, capaz de enfrentar uma elite intelectual que encontrei no Congresso do Estado. Para falar apenas dos doutores não é brincadeira liderar um grupo de juristas como Nereu Ramos, oradores — como Edmundo da Luz Pinto, bacharéis e advogados, como Rupp Junior, Arthur Costa, médicos como Otto Feurchutte e Plácido Gomes, engenheiros como Alvaro Catão. Quando se tratava de casos sujeitos à opinião dos especialistas eu lhes dava a palavra para êles discutirem e orientarem o Congresso. Graças a êste sábio *savoir faire* conseguiu o modesto líder ser respeitado e acatado. A minha atuação no Congresso foi, portanto, a de um homem público que se fêz pelo seu próprio esforço, um autodidata ou *self made man*.



**A** escola do sexo masculino de Camboriú, até 1888 funcionava na povoação da barra do rio. A lei 1257, de 2 de novembro daquele ano, mandou que a escola passasse a funcionar no lugar Garcia, atual sede do município.

## LEOPOLDO HOESCHL

O nosso biografado foi uma das mais interessantes figuras da colônia e do município de Blumenau, tendo tido marcante atuação em todo o Vale do Itajaí. Foi um homem simples, modesto, acanhado mesmo. Dotado, porém, do espírito de ordem, trabalho e tenacidade, conseguiu fazer-se útil à comuna, que ajudou a construir e ao país, sua segunda pátria, que honrou e amou.

Leopoldo Hoeschl legou, aos seus descendentes, um manuscrito em que registrou os principais fatos da sua acidentada existência. Damo-lo, a seguir, traduzido na íntegra:

“Em consequência de uma brochura, que o dr. Blumenau publicou na Alemanha, minha irmã Amália, casada com Fernando Klein, emigrou para o Brasil em 1854. Seu marido morreu afogado, um ano depois, na balsa do Garcia. Numa das enchentes, perdeu a viúva todos os seus haveres. Tendo notícias do ocorrido, por uma carta, seus pais resolveram mandar o irmão Carlos para o Brasil, munido de algum auxílio. Em 1858, Carlos embarcou-se em Hamburgo, num veleiro que vinha com destino a Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul. Em virtude de fortes temporais, o navio desviou o rumo e foi ter diretamente ao Rio Grande do Sul. Dali, Carlos, acompanhando uma tropa, veio para Santa Catarina. Quando êle chegou em Blumenau, os auxílios que trazia tinham sido consumidos e já a irmã Amália tinha se casado novamente com Júlio Paupitz. Êste morava na margem esquerda do Itajaí, defronte do lote de Pedro Wagner, onde Carlos, de comêço, e juntamente com Augusto Keunecke, trabalhou como diarista.

Paupitz mudou-se, depois, para Passo Manso e Carlos para São Pedro de Alcântara. Lá êle foi professor e casou-se com Maria Zimmermann.

Nêsse meio tempo, mudou-se de São Pedro para Itajaí e Gaspar, um grupo de suábios de Mosela, entre êles as famílias Schmitt, Spengler, Mueller, Haendschen, Werner, Zabel e outras.

Carlos resolveu acompanhar êsse grupo e abriu uma venda, por sua própria conta, em Gaspar.

Eu nasci a 27 de outubro de 1850 e, com 15 anos de idade, completei o curso na Realschule da minha cidade natal, Biala. Meus pais,



por falta de meios, não puderam deixar que eu continuasse os estudos. Por isso, e por proposta de meu irmão Francisco que, naquele tempo, era guarda-floresta no senhorio ducal de Potocky, entrei como praticante dêsse serviço. No fim de 1867, fiz os meus exames em Cracóvia, sendo aprovado com distinção. Deveria, então, com a ajuda de meu irmão Francisco, frequentar a academia florestal, depois do que o meu futuro estaria assegurado.

Em começo de 1868, recebemos notícia de que meu pai havia resolvido atender à solicitação de meus irmãos e emigrar também para o Brasil e que eu deveria ir em sua companhia.

Realmente, embarcamos a 10 de maio, em Hamburgo e no fim de julho chegamos a Itajaí.

A fim de me ocupar em qualquer coisa em Gaspar, trabalhei como operário no engenho de serra de Jacó Zimmermann, a 400 réis por dia. Depois, serramos, eu com Elias Mueller, madeira por empreitadas, de sorte que, quando havia água suficiente, podíamos ganhar 2\$500 por dia.

Por ocasião da nossa chegada em Itajaí, hospedamos-nos em casa de Malburg, que era, então, a única hospedaria existente.

O senhor Nicolau Malburg, amigo de meu irmão Carlos, mandou a êste, em novembro, uma carta em que dizia: "O teu jovem irmão me deixou muito boa impressão e como, de certo, já se acha mais ou menos adaptado a esta terra, poderá entrar no meu negócio". Alí, a minha ocupação era, por bem dizer, a de "pau para tôda obra". Entre outros encargos eu era carregador, guarda livros, tratador de cavalos, engraxate do senhor meu chefe, professor do filho mais velho, Leopoldo etc., com exceção de carregador de cubos, o que me neguei fazer à senhora minha chefe. E tudo isso por, apenas, 10\$000 por mês.

A senhora Malburg, em geral uma excelente mulher, obrigou-me a deixar o serviço pela sua sovínice e desconfiança, embora contra a vontade do sr. Malburg e do meu irmão.

Na casa do sr. Malburg, cheguei a conhecer o sr. H. Von Trompowski, um conterrâneo meu, também galiciano, com quem falei polonês.

O senhor Trompowski, agente oficial de imigração, encarregara o meu patrão do despacho dos imigrantes, trabalho que eu é quem fazia. Por seu intermédio, consegui um emprego na firma Lidio Livramento & Vieira, em Destêrro. Então não havia outro geito de se ir até lá, senão a cavalo, ou por mar. Protelou-se, por isso a minha viagem, por mais de um mês, até que eu consegui passagem num iate, pelo preço de 4\$000. Quando me apresentei na firma, o meu lugar estava já ocupado e eu fui despachado.

Hospedei-me, a conselho do sr. Onkel Brandt, sócio do sr. von Trompowski, em casa de uma certa Frau Scheffmacher, onde também morava Carlos Paul Hoepcke, então empregado do seu tio Hackradt.

Por dias e dias inteiros procurei uma ocupação, até mesmo com o coveiro, o alemão Schwanz, um blumenauense que conhecia meu irmão. À minha solicitação êle respondeu:

— Ah! se você tivesse chegado ontem... Agora já tenho um ajudante alemão e de mais não preciso!

Esse que me precedera, eu conheci depois no mercado e tornou-se meu amigo em Gaspar. Era Nepomuk Mosbauer, e era vendedor de vinhos, de profissão.

Eu, porém, não tinha nem um vintém mais no bolso e a minha mala ficara no armazem de Onkel Brandt. Frau Scheffmacher ficou desconfiada e me disse: "É... se ao menos você tivesse alguma coisa consigo... Mas você não tem nada!"

Fui, então, ao Onkel Brandt o qual, mais pelo conhecimento com meu irmão, do que pela minha bela cara, me emprestou 20\$000 com o que contentei bem a minha boa hospedeira, em cujas graças tornei a entrar.

Voltei, então, à firma a que eu viera recomendado e expus a minha situação, completamente sem meios. Fui admitido, então, sem compromissos. Minha ocupação era, principalmente, ir duas vezes por semana, às 4 horas da manhã, ao mercado, aguardar a chegada dos colonos de Vargem Grande, Palhoça, Capivari, Terezópolis, São Pedro de Alcântara etc. e tratar de comprar-lhes os produtos que traziam. Eram, na sua maioria, suábios de Mosela e Wesfalianos. Por intermédio do sogro do meu irmão Carlos, o velho Hans Zimmermann, conhecido pela alcunha de **Moselhannes**, tornei-me amigo de diversos colonos e fiz boas compras, pelo que a firma ficou muito satisfeita comigo.

Esses conhecimentos, foram-me depois de muita utilidade.

Quando, depois, eu me empreguei como efetivo na firma Carl Ebel, o meu chefe ficou muito admirado da freguesia que eu lhe aranjava para o negócio. Essa gente, geralmente, trazia uma lista de pedidos da patroa: uns metros de cassa, outros tantos de riscado, um pouco de pimenta, um pouco de sal, etc. Arrumada a encomenda, vinham buscar os pacotes e pagar. O meu ordenado na firma era de 70\$000; depois de alguns meses subiu para 80\$000.

Veio depois um período de retração.

O meu chefe possuía uma vila na Praia de Fora (depois propriedade do Hoepcke). Seu filho, Fernando, era um estróina, e a preocupação da casa, por isso, era pôsto de lado. Possuía um veleiro, em Itajaí, que fazia viagens para o norte. O chefe, então, fez-me a proposta de ir dirigir a sua filial em Itajaí, com um ordenado inicial de 100\$000 por mês.

Não aceitei a proposta e fiz muito bem, pois, as coisas em Itajaí tiveram bem curta duração.

Segui, então, para Gaspar e, lá, abri um negócio por conta própria. Os principais produtos, naquele tempo eram açúcar e farinha. E como o mercado consumidor estava circunscrito a Itajaí, o meu irmão teve a lembrança de exportar para outros portos também.

Fomos até Tijucas, onde havia um veleiro no estaleiro, compramo-lo por 3 contos de réis e, sob minha administração e de um mestre, puzemo-lo pronto. De lá, seguimos para o Destêrro, onde o barco foi matriculado com o nome de "Felizardo", eu nomeado capitão e me foi entregue a competente carta. A minha primeira viagem para Itajaí, Brusque e Blumenau rendeu um lucro líquido de 500\$000. Minhas viagens se circunscruviam a São Francisco, Joinville, Paranaguá, Morretes, Antonina, Santos, até Ilha Grande.

O conhecimento com a minha futura espôsa foi a causa de deixar

eu a vida do mar. Afastei-me da sociedade com um lucro líquido de um conto de réis.

No natal de 1874, fiquei noivo oficial. Antes, eu havia feito roças e queimadas no lote que adquirira da Direção da Colônia Blumenau, no Warnow e, depois, construído o meu rancho de palmitos e em maio abri ali a minha casa de negócio.

Foi um começo bem duro; os colonos ali instalados eram principiantes, a quem eu tinha que dar crédito, o transporte de Indayal para Warnow muito dificultado pelo estreito caminho etc. Casei-me em novembro. Em 1876, transportei gêneros de primeira necessidade para Salto do Pilão. O tráfego de tropas era cada vez maior. Mas, infelizmente, também perdi muito cabelo nesse negócio.

Veio, depois, a enchente de 1880, em consequência da qual Warnow sofreu grandes prejuízos. Em 1883 veio a emancipação da colônia.

Com a Comissão Antunes, que me entregou a construção da ponte sobre o ribeirão Warnow etc. criei novo alento. Em 1886, fui eleito vereador à Câmara Municipal, e em 1888 deputado à Assembléia Provincial. Em 1889 veio a república. Em 1890, viajei para a Europa. Mais tarde, contratei a construção do picadão para Rio Preto. Vieram, em seguida, os práticos e engenheiros, a respeito da construção da estrada de ferro, tendo eu feito constantes viagens para o planalto. Nêsse meio tempo, também fui um dos conselheiros da Companhia Colonizadora Hanseática. Mais tarde, contratei o fornecimento de 11.000 dormentes para a construção da Estrada de Ferro, de que fui nomeado, também, pagador da respectiva comissão. Em 1916 fui nomeado Tesoureiro da Prefeitura Municipal. Esqueci-me de dizer que, durante a revolução de 1893 tive, no Rio, um prejuízo de 25 caixas de manteiga, 20 caixas de banha e 30 sacos de feijão, além da perda de gado, etc.”

Até aqui as memórias de Hoeschl. Este esqueceu-se de citar muitos outros fatos interessantes da sua acidentada existência, como o fato de, em 1893, quando Indaial foi desmembrado de Blumenau, para formar um município autônomo, ter sido êle nomeado presidente da Câmara, ou intendência, que deveria reger os destinos administrativos da novel comuna catarinense. Foi agente consular da Áustria — Hungria.

Aposentou-se como tesoureiro da Prefeitura Municipal, cargo que exercera, ininterruptamente, desde 1916.

—★—

**S**E algum dos nossos prezados amigos e favorecedores possuir dos cartões postais, com vistas das cidades do Vale do Itajaí, de Blumenau, principalmente, impressos, e que eram distribuídos e vendidos, no princípio dêste século, pela Livraria de Eugênio Currlin, queira, por obséquio, escrever ao sr. J. Ferreira da Silva, rua Augusto Severo, 822, Curitiba, Paraná, que está interessado em adquiri-los, ou, ao menos, poder reproduzi-los.

—★—

**A**O começar o ano de 1860, o décimo da existência de Blumenau, tôda a colônia tinha 749 habitantes, dos quais 394 eram do sexo masculino e 350 do feminino.

# BENEDITA INGLAT



As investigações em torno dos primitivos habitantes do Vale do Itajaí, das suas particularidades etnológicas e do seu comportamento face aos colonos nacionais e estrangeiros que, nos alcores do século passado, iniciaram a conquista da vasta área banhada pelo maior rio litorâneo do sul do Brasil, oferece, às vészes, aspectos surpreendentes, que muito interessam ao verdadeiro historiador e, de um

modo particular, aos linhagistas.

O caso, por exemplo, de Dona Benedita Inglat é digno de registro especial, na história das lutas entre o colonizador e o silvícola pela posse e domínio das florestas do paraíso itajaiense.

Mal começara a abrir os olhos para a vida, foi apanhada por um grupo de pioneiros, numa batida sangrenta a um acampamento de índios, ataques muito comuns nos sertões do litoral catarinense, de que os botocudos eram senhores absolutos.

Foi, depois, confiada aos cuidados do casal Dr. Wiegando Engelke, médico residente em Joinville e que, posteriormente, transferiu residência para Blumenau, tendo construído a pitoresca Vila, ainda existente em Salto Weissbach, em elevação que domina um maravilhoso quadro, em que predominam as águas fervilhantes do Itajaí, antes de se acomodarem na placidez da represa da Companhia Fôrça e Luz.

A espôsa do médico, dona Sofia, era uma dona de casa exemplar. Enriquecida de singular habilidade para as prendas domésticas, tinha noção bem clara da verdadeira educadora. Assim, orientou a criação da bugrinha com carinho de mãe e energia de mestra.

E fez da pupila uma mulher, que foi moça modelo, espôsa amorosa, mãe dedicada e que soube seguir-lhe os exemplos, no que toca aos arranjos caseiros. Benedita era excelente cozinheira; bordava, costurava e confeitava com perfeição.

Quando a bugrinha completou 7 anos de idade, o dr. Engelke e sua senhora, deram-lhe, de presente, um belo missal, caprichosamente encadernado, em cujas páginas finais escreveram a história de como ela viera para a sua companhia e a dos principais acontecimentos da sua infância.

É êsse interessante relato que traduzimos e trazemos para estas páginas, já que foi feito em alemão, língua materna dos tutores e a

única que a indiazinha usava naquele tempo; depois, falava e escrevia, desembaraçadamente, o português também.

Eis o teor do curioso documento:

“À nossa querida filha Benta.

A 18 de agosto de 1883, apareceram muitos índios selvagens, da raça dos botocudos (também denominados “bugres”), a 15 quilômetros a noroeste de São Bento, em uma roça situada entre os rios São Bento e Negrinho, de propriedade do brasileiro Manoel dos Santos Siqueira e começaram a apanhar milho verde. O dono da roça, acompanhado dos seus empregados e vizinhos, atacou os selvagens, tendo, ao que consta, matado 28 e pegaram três crianças botocudas, um menino de, mais ou menos, 8 anos, uma menina de 6 e uma outra de 2 anos. Foi o próprio Manoel dos Santos Siqueira quem pegou a mais nova, quando esta, ao fugir, tropeçou e caiu. Na mesma ocasião, êle arrecadara um arco e uma flecha.

Esses três pequenos índios, foram entregues ao sub-delegado do distrito, Francisco Antônio Maximiano, que as mandou vestir e dar-lhes agasalho.

Pouco depois, o presidente da província determinou que as três crianças fôsem mandadas para Destêrro. Elas já haviam sido trazidas em carroça, até Joinville, pelo Oficial de Justiça, quando o juiz de órfãos, Primitivo Gomes de Souza Miranda conseguiu, em virtude de uma calorosa representação nossa, fôsse revogada a decisão do presidente.

O rapaz que, no batismo, recebera o nome de Antônio, foi entregue ao sr. Antônio Sinke (em casa de quem, em Campo Alegre, morreu a 24 de junho de 1887). A menina mais velha, Estefânia, foi entregue a Von Lasperg e a mais nova foi confiada à nossa guarda.

Era o dia 31 de agosto de 1883, antes do meio dia, quando o referido juiz de órfãos, mandou-nos a criança por intermédio do já falecido Frederico Jordan.

Ela tinha, então, 68 centímetros de altura, magra, com os cabelos cortados curto e 19 dentes; estava com uma forte diarréia. Calculamos a sua idade em dois anos e cinco meses e fixamos, como data do seu nascimento, o dia 31 de março de 1881.

Quando mamãe (a espôsa do médico) tomou a criança, pela primeira vez nos braços, esta mostrou-se muito irritada e inquieta; gritava e debatia-se terrivelmente. Mamãe, porém, entrou com ela em casa e pô-la diante de um grande espêlho, o que a sossegou, quase que repentinamente. Naturalmente a criança não possuía noção do uso de colher, de escova de dentes, de pente, de banho; gostava, porém da limpeza e tinha o instinto da ordem.

Nos dias seguintes ela aprendeu a dizer “papa” e “mama” e não tinham, ainda decorrido quatro semanas e ela já conseguia expressar alguns pensamentos em língua alemã; no idioma dos botocudos, porém, ela então e até agora não deixou escapar uma única sílaba, embora, segundo tôdas as probabilidades, já soubesse falar.

A 13 de dezembro de 1883, às 8 horas da manhã, depois da santa missa, a menina foi batizada pelo nosso amigo, o vigário Padre Carlos Boegershausen, na nossa matriz, em festiva solenidade. Eu e a querida espôsa Sofia fomos os seus padrinhos e recebeu, na ocasião, o nome de “Benedita”, ou, abreviadamente, “Benta”.

A 18 de dezembro de 1885, Benta foi crismada pelo reverendo Padre João Maria Cybeo, sendo-lhe madrinha de Crisma a tia Helena.

O que falta para completar esta história, a querida Benta poderá contar pessoalmente.

Para que a nossa querida filha Benedita permaneça, por tôda a sua vida, tão gentil, tão boa, tão aplicada e tão piedosa, como até aqui, são os nossos votos no seu aniversário, pois, festejamos, hoje, o seu 7.º ano de vida.

Dos seus sinceros pais  
Dr. Wiegand Engelke e  
Sofia Engelke, nata Graf.

Joinville, 31 de março de 1888, no sábado de Páscoa.”

Até aqui o documento escrito pelos pais adotivos de Benta. Sempre bem educada, prendada e obediente, permaneceu em companhia do médico e sua espôsa, até que, tendo conhecido José Inglat, na ocasião funcionário da Estrada de Ferro Santa Catarina, com emprêgo, justamente, na estação de Salto Weissbach, fronteira, à sua residência, Benta casou-se com êle.

Teve três filhos: José, Rodolfo e Sofia, infelizmente todos já, e prematuramente, falecidos. José foi, dos três, o único que deixou descendentes, duas meninas, Ruth e Rita e um menino, Rodolfo.

Enviuvando, José Inglat Sênior passou a residir em Ponta Aguda, em companhia do filho, tendo ali falecido, há poucos anos, como chofer da Prefeitura Municipal, aposentado.

A fotografia que ilustra estas linhas é de Benta Inglat, em companhia de sua nora, espôsa de José Inglat Filho, e de um neto.

E aqui fica registrado um interessante episódio da colonização de Santa Catarina, que mereceria um estudo mais cuidadoso.

## Índios do Vale do Itajaí



Grupo de botocudos aldeados no Núcleo Duque de Caxias, em Rio Plate, no atual município de Ibirama. A respeito dêsses índios, veja-se o relatório de Augusto Zittlow, publicado no número 7, do tomo II, dêstes “Cadernos”.

# Grande Achado Científico de Fritz Müller

Hitoshi NOMURA

De um relatório de Fritz Müller apresentado ao diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro ("Observações sobre a fauna marinha da costa de Santa Catarina", Revista do Museu Paulista, III:35-38) extraímos alguns dados sobre um curioso animal, que a ciência enquadra no Filo Chordata, Grupo Acrania, Subfilo Hemichordata. Trata-se de um Enteropneusta do Gênero *Balanoglossus*, espécie gigas.

Esse animal foi descoberto por Fritz Müller, em julho de 1884, na Armação da Piedade. Vive na zona da maré baixa, em galerias localizadas a uns 30 cm. da superfície. É facilmente identificável por ocasião das marés baixas, quando expõe excrementos do formato dos do homem. Seu corpo é mole, quebradiço e de coloração amarela, às vezes tendo partes esverdeadas e arroxeadas. É inofensivo e exala cheiro de iodofórmio. Chega a atingir 2.1/2 m. de comprimento.

A parte anterior é constituída de uma dilatação em forma de língua, seguindo-se-lhe o colar e o tronco. A boca está situada na base da tromba. Há uma série de fendas transversais no tronco, que são as fendas branquiais, aparelho respiratório do animal.

Já em 1860 Fritz Müller encontrou a forma larvar do *Balanoglossus*, cientificamente conhecida por *Tornaria*. O biólogo William Bateson diz que o *Balanoglossus* representa um elo de ligação entre Vertebrados e Invertebrados. Antes de ser descoberta a forma adulta, a fase jovem era descrita como larva de equinoderma. O adulto apresenta notocorda na região da faringe e outros característicos demonstram seu parentesco com os Vertebrados.

Atualmente sabe-se que existem dois tipos de fosfogênio, ou seja, substância relacionada com a atividade muscular, a fosfocreatina e a fosfoargina, tanto nos Echinoídeos quanto nos Enteropneusta, sendo que a fosfocreatina existe em todos os Vertebrados, nos Cefalocordados e nos Ofiurídeos, além dos Echinoídea e dos Enteropneusta. Esses dados bioquímicos permitem-nos dizer que devemos a nossa origem ao ouriço-do-mar e ao *Balanoglossus*, e não aos demais invertebrados.

Depois da descrição fornecida por Fritz Müller, o *Balanoglossus* nunca mais foi encontrado até 1950, quando o Prof. Wladimir Besnard, então Diretor do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, o reencontrou nas praias de São Sebastião. Esse achado foi comunicado ao Diretor do Departamento de Fisiologia Geral e Animal da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da U. S. P., Prof. Paulo Henrique Sawaya, que mobilizou toda a sua equipe, tendo, após exaustivas buscas, capturado um exemplar de 2.1/2 m. de comprimento, que atualmente faz parte da coleção do referido Departamento. Uma de suas ex-alunas veio a se especializar no estudo desses animais, tendo defendido tese sobre o assunto, em 1957. É ela a dra. Tagea Björnberg, atualmente oceanógrafo-chefe da Seção de Nécton, do Instituto Oceanográfico da U. S. P.

Frizamos que esse achado de Fritz Müller foi de grande importância para a Ciência somente porque a análise bioquímica trouxe alguns esclarecimentos quanto a origem dos Vertebrados.



**U**A, ou não, petróleo no Vale do Itajaí? É uma pergunta que, até hoje, não tem ainda solução. Mas já em 1895 a lei n.º 168, de 28 de setembro daquele ano concedeu autorização, por 50 anos, para explorarem jazidas de petróleo em Blumenau a Frederico Donner, Otto Freygang e Henrique Hardt, moradores de Timbó e Indaial.

# O NATAL DA BUGRINHA

J. Ferreira da SILVA

Isto aconteceu no tempo em que a colonização de Blumenau andava ainda nos seus começos.

As turmas de agrimensores avançavam, com lentidão e cautela pelo mato a dentro, acompanhando o curso do grande Itajaí, dos seus afluentes e confluente, medindo lotes após lotes, demarcando estradas, abrindo picadas e caminhos.

Famílias e mais famílias de imigrantes alemães, fatigadas da penosa travessia do Atlântico, chegavam no vaporzinho de rodas à sede da colônia e, dali, a pé ou a cavalo, de carro de bois também e iam tomar posse da gleba que a direção lhes destinara.

Os lotes, cada dia mais se distanciavam do povoado central, sempre em direção ao fundo da mata, impenetrável e misteriosa. Lotes cada vez mais próximos dos selvagens, donos da floresta, traíçoeros e vingativos.

A medida que a civilização avançava, os bugres recuavam.

E a cada recuo, iam mais cheios de ódio, com renovados propósitos de vingança. Nos novos acampamentos, espremidos entre o colono e a Serra, atrás da qual inimigo ainda mais ferrenho — o tropeiro ousado e corajoso — os esperava, os bugres amadureciam planos de revide às sangrentas investidas do branco.

Nas noites encaloradas, contemplando a lua que, pelas frestas da cobertura rala da palhoça tósca, desenhava tiras prateadas sobre o corpo bronzeado da companheira, adormecida a seus pés, o cacique ruminava projetos audaciosos de cruentos desforços, com centenas de colonos estrebuchando, varados por afiadas flechas.

De quando em quando, depois de dias de tocaias pacientes, caíam os bugres, de inopino, sobre a mulher e os filhos que o imigrante deixara em casa, para ir cuidar da plantação.

Turmas de bugreiros percorriam a floresta, em verdadeiras caçadas ao gentio. Arrazavam-lhe os pousos, afugentando ou matando os adultos, arreacadando as crianças que a inexperiência e a falta de agilidade haviam deixado para trás, na correria desesperada pelo mato, acossados pelos latidos dos cães amestrados, pelos tiros e gritos dos perseguidores.

Quando este século das bombas atômicas e dos esputiniques estava principiando, os bugreiros voltaram de uma dessas batidas com duas dúzias de bugrinhos, piás e raparigas, uns quase de colo, outros beirando a puberdade.

Depois de batizados em grande e aparatosa solenidade — a igreja cheia de gente, menos atenta ao significado da tocante cerimônia que à curiosidade dos pequenos índios, que mexiam em tudo: no missal, nas campainhas; puxavam pela casula do celebrante, andavam daqui para ali, ao pé do altar, como sonsos — foram distribuídos a famílias de respeito e de posses, que se obrigavam a educá-los como filhos, cristãmente.

Finda a missa, as madrinhas, enfarpeladas em lustrosa indumentária de seda escura, chapéus de palhinha à cabeça, enfeitados de rosas e margaridas artificiais, ou de penas coloridas, saíram em filas, cada qual levando pela mão o seu bugrinho.

Uma das bugrinhas tocou às Irmãs de Caridade. E a superiora do convento designou a irmã Margarida para cuidar da menina.

Esta era uma índiazinha igual às outras, talvez um pouco mais magra, cujos cabelos, negros e duros, esparramavam-se-lhe pelos ombros, enquanto que os das outras mal chegavam ao pescoço.

Os dois línguas, que acompanhavam o grupo, e que serviam de intérpretes também nessa oportunidade, afirmavam que o nome da bugrinha era Laski. No batismo, porém, recebera o nome de Inês.

Inesita, como irmã Margarida passou a chamá-la, depois que conseguiu vencer a natural repugnância com que obedeceu às ordens da sua boa Madre Guardiã. E não era para menos, realmente.

A bugrinha cheirava mal e os seus cabelos, que mais pareciam um emaranhado desses fios de rádio japonês, estavam infestados de lêndeas. Que trabalho teve a irmã Margarida para limpá-la! Dava-lhe mais de um banho por dia, penteava-a e untava-lhe a cabeleira com pomadas que, segundo o doutor Brandes, além de perfumadas discretamente, tinham a virtude de acabar com as sevandijas.

Ensinou-lhe, com paciência de mãe, como comer, como vestir-se, como dormir. A tudo a bugrinha se submetia sem revolta. Às vezes, cuspiu com nojo, o "sauerkraut" que acompanhava as pequenas salchichas vermelhas e rescentes, mas não deixava de olhar, então, a sua carinhosa protetora, pondo, no negrume do olhar, a melancolia de quem se arrepende de uma grande ingratidão.

Uma coisa preocupava irmã Margarida. Era a tristeza de Inesita.

A menina vivia como que alheia a tudo, acanhada, pelos cantos das salas, ou da cozinha do convento, onde, às vezes, a levavam, no propósito de familiarizá-la com os serviços da casa.

Já lá se iam bem três meses, desde que ela viera para a companhia das freiras e nunca a tinham visto sorrir, ou ter um gesto de alegria diante dos brinquedos que lhe traziam. Sem mostrar o mínimo interesse em aprender, ao menos, algumas palavras do português, repetia, maquinalmente, o que a Irmã lhe dizia, para esquecê-lo dali a pouco.

Mandaram chamar o intérprete do batalhão de batedores de mato para ver se descobriam a causa de tão profunda melancolia.

Seriam, porventura, saudades dos pais, do mato, da vida nômade, vagabunda, pela floresta interminável, tão cheia de belezas e de traições?

Mal o bugreiro João Miguel entrou na sala, onde a Irmã Margarida costumava sentar-se com a bugrinha, tentando ensiná-la a dar os primeiros pontos de costura, mostrando-lhe, com gestos centenas de vezes repetidos, como segurar a agulha e a fazenda, a menina, espavorida, agarrou-se ao hábito da protetora, enrolando-se nêlo, tremendo de medo e soltando gritos de horror.

Irmã Margarida, num gesto de proteção, enlaçou-a ternamente.

Compreendeu logo que a indiazinha, testemunha do horrível massacre de que os seus haviam sido vítimas, reconhecera, no intérprete, um dos assaltantes do reduto, onde, numa linda manhã, quando o sol mal punha pinceladas de ouro nas cristas dos morros, os perversos caíram sobre os bugres mal acordados, ocupados no preparo dos arcos e flechas para a faina diária, descarregando a torto e a direito as suas velhas carabinas, com carga de chumbo grosso, e deixaram muitos estendidos, mortos, no próprio lugar e outros em fuga desabalada, pela mataria a dentro, sem se importarem com os feridos que, cambaleantes, escorrendo sangue, tentavam acompanhá-los.

Tôda a horrorosa cena deve ter perpassado pela mente da bugrinha porque atinha-se às vestes da Irmã Margarida, como desesperada, e somente se aquietou quando esta, num gesto brusco, ordenou ao intérprete que se afastasse.

Os dias se passaram, e a menina ficou mais triste ainda.

E chegou a véspera do Natal. Do nosso Natal de Blumenau, tão cheio de luzes e de encantamentos, de belezas e de enlevos, de brilho e de felicidade.

Irmã Margarida preparava Inesita para a Missa-do-Galo, que tôda a comunidade iria assistir na matriz, em cuja torre os sinos já bimbalhavam festivamente. Suas vozes chegavam ao convento de mistura com os acordes do "Heilige Nacht, stille Nacht" que partiam de uma sala iluminada da vizinhança e onde dezenas de crianças, moços e velhos, festejavam o nascimento de Jesus, em torno do pinheirinho tradicional.

Inesita entrou no templo deslumbrante pela mão da sua protetora. Ia triste como sempre. Maravilhada pelas centenas e centenas de luzes que ardião por tôda parte, nos altares, no presépio, na igreja inteira; pelo mundo de gente ali reunida, metida nas suas fatiotas novas, a olhá-la, curiosa, arregalava muito os seus grandes olhos negros, estonteada, deixando-se arrastar, inconsciente, pela bondosa freira. Esta a levou para junto do presépio e, ali, apontando para o louro bambino que sorria, plácido, angelical, dentre as palhinhas da miserável mangedoura, tentava explicar-lhe, em acariciantes sussurros, a grandiosidade do mistério que se representava, naquele cantinho da igreja, entre touças de bromélias e de barba-de-velho amontoada em escandalosa profusão.

A menina, entretanto, não dava, senão, demonstrações mudas de espanto, correndo os olhos esbugalhados para tôda parte.

De repente, porém, desprendendo-se, violentamente, da mão da boa freira, Inesita soltou um grito e atirou-se em direção a um grupo de senhoras, que dava entrada pela porta lateral do templo e abraçou-se à outra bugrinha que uma das senhoras trazia pela mão, muito arrumadinha no seu vestido engomado, de rendas brancas e com fita azul à cintura.

As duas bugrinhas, dizendo palavras que ninguém entendia, unindo os rostos, estreitando-se nos braços uma da outra, riam e choravam ao mesmo tempo, escandalizando tôda a assistência de fiéis, que já formavam tumulto, na ância de observar de perto a singular e comovente cena.

Irmã Margarida correu para junto da sua protegida. Não houve, porém, como separar as duas indiazinhas e foi preciso arrastá-las, a ambas, para fora da igreja, no instante mesmo em que o celebrante e os seus acólitos, em paramentos dourados, deixavam a sacristia para o começo da missa e o velho órgão derramava catadupas de sons estridentes, no trêmulo festivo da abertura de uma secular ária natalina.

Inesita havia encontrado a irmãzinha que, no dia do batismo, a espôsa de um conceituado médico do lugar, tomara para criar.

E não houve como separá-las então.

Irmã Margarida e a senhora do médico acompanharam as pupilas até o convento onde, ao regresso da comunidade da missa da meia noite, festejaram, em tôrno da Arvore de Natal, carregadinha de bolas brilhantes, verdes, vermelhas, de ouro e de prata e de centenas de velinhas acesas, o nascimento do Menino-Deus.

Irmã Margarida perdera a missa. Mas à bugrinha, a que ela já queria tanto, como se fôsse filha, voltaram o sorriso e a alegria.

★

## HONROSAS PALAVRAS

Dom Jaime de Barros Câmara, cardeal - arcebispo do Rio de Janeiro, na "Voz do Pastor" de 5-12-1960, falando sôbre a festa de Santa Catarina de Alexandria, refere-se, também, ao Estado, onde nasceu e do qual a santa homenageada é a padroeira. E diz:

"... Instrução e Viação têm sido o programa dos dirigentes catarinenses, pertencentes aos vários partidos, cada qual procurando continuar e desenvolver os planos de seus antecessores, companheiros ou antagonistas.

No setor Educação, chegou nosso Estado a ocupar o primeiro lugar em alfabetização. Em 1957, com uma população de, aproximadamente, dois milhões de habitantes, apresentava 14,695% de matrícula no ensino primário, vindo, a seguir, os Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. Naquele ano havia 4.929 escolas primárias com 253.731 crianças matriculadas. A estimativa para êste ano é de seis mil escolas primárias com 320 mil alunos... Não digo novidade, lembrando que muito se deve à intensa e larga colonização estrangeira, particularmente à alemã e à italiana com seu padrão de cultura e civilização, amor ao trabalho e senso de responsabilidade. Talvez por essas características e não só pelo desenvolvimento físico, tão alentado e típico, é que a Polícia do Exército seleciona entre os filhos dos colonos sulinos os elementos que formam o conhecido **batalhão dos catarinas**, bastante respeitados na classe. Mas não é neste setor que prefiro apresentar os maiores valores daquela feliz unidade federativa do Brasil, pois é conhecido o seu adiantamento na indústria, na amplitude comercial e o papel de

muitos dos seus filhos na política nacional e nas forças armadas, em todos os tempos”.

Salientou Dom Jaime, ainda, que aproveitava as festividades da padroeira do Estado, para aplaudir, também, o empenho de se estabelecer, na capital catarinense, a Universidade federal. Ao terminar sua fala, o cardeal fez, ainda, um retrospecto, em números, do clero secular e regular de Santa Catarina e do trabalho das religiosas.



## Estante dos “Cadernos”

★ **“GUIA DA CIDADE DE BRUSQUE”** — Oscar Gustavo Krieger — Gráfica “Revista do Vale”, 1960 — Com uma dedicatória do seu organizador, o nosso esforçado e inteligente amigo, sr. Oscar Gustavo Krieger, recebemos um exemplar do seu excelente guia da cidade de Brusque. É um trabalho bem feito, contendo informações muito interessantes sobre o “berço da fiação catarinense”, suas indústrias, seu comércio, suas associações culturais e recreativas, seus monumentos públicos, suas escolas, enfim, sobre tudo quanto diz respeito à vida do importante município, que, há pouco, completou o centenário de sua fundação. Quantos se interessem pela história, pelas atividades industriais e comerciais de Santa Catarina, não poderão deixar de ter, em sua biblioteca, esse interessante trabalho do sr. Krieger, a quem cumprimos pelo bom serviço que, com êle, prestou à nossa terra.



★ **“GERMANY IN A NUT SHELL”** — Prof. Helmuth Arntz — Distribuição do governo da República Federal Alemã — Do nosso distinto amigo, sr. Leopoldo Richter, secretário do Consulado alemão de Curitiba, recebemos várias publicações, entre as quais não podemos deixar de destacar o trabalho do professor Arntz, cujo título serve de epígrafe a estas linhas. Um livro verdadeiramente precioso. Em idioma inglês, traz fartas e excelentes informações sobre a Alemanha, desde a formação do império até a atualidade, em notas resumidas, de fácil compreensão. Nas suas 116 páginas e alguns mapas, nas suas excelentes gravuras e fotografias, dá uma perfeita idéia do que é a Alemanha de hoje, recuperada já da catástrofe a que a arrastou a última guerra mundial, e da capacidade dos seus estadistas que souberam, em pouco tempo, levantá-la das ruínas a que, praticamente, ficara reduzida a uma invejável situação de prosperidade. Impresso em papel muito bom, ilustrado por artistas de reconhecida competência, o livro do professor Arntz é digno de figurar na biblioteca de quantos se interessem pela história e geografia, política e econômica, da grande república da Europa central. Agradecemos ao sr. Richter o belo presente com que nos honrou.

## 17.º – JACOB A. SCHMITT (1933 a 1934)



Consequência dos fatos políticos, que culminaram na exoneração de Antônio Cândido de Figueiredo, do cargo de prefeito municipal, os próceres revolucionários reuniram-se, no dia 21 de abril de 1933, no salão Pershun, em Itoupava-Sêca, para escolherem o nome, a ser indicado à interventoria federal, para substituí-lo. Representantes dos diretórios dos diversos distritos, estiveram presentes a essa assembléia, a qual, afinal, e por aclamação, coroou, com uma salva de palmas, a indicação do sr. Jacob Alexandre Schmitt, que, desde muito, vinha atuando nas fileiras da Aliança Nacional Libertadora.

Este elemento, natural do então distrito blumenauense de Gaspar, era filho de Adão Schmitt, descendente dos primeiros colonos de São Pedro de Alcântara. Fôra um dos mais eficientes colaboradores dos chefes liberais, amigo e correligionário político que era, de Nereu Ramos. No dia seguinte, 22 de abril, foi nomeado e tomou posse do cargo de prefeito.

Sua gestão começou sob bons auspícios, embora, sinceramente, os conservadores — assim designados os que combatiam a situação estabelecida com a vitória do golpe armado de 1930 — não tivessem muita confiança na sua orientação administrativa. Apesar disso, Schmitt demonstrou prudência e equilíbrio no seu governo. Entretanto, este foi muito curto e acidentado.

Tendo sofrido espetacular derrota nas eleições realizadas em 1933, para deputado à constituinte, a Interventoria Federal no Estado, então ocupada pelo sr. Aristiliano Ramos, repetiu o erro praticado pelos revolucionários de 1893: subdividiu o município de Blumenau em várias outras parcelas administrativas, autônomas. Primeiramente, foi criado o município de Indaial. Depois, Hammônia; depois Timbó etc.

O desmembramento de Blumenau, não resta dúvida, era uma medida necessária. Mas o espírito que, na ocasião, presidira tal providência administrativa, fôra, evidentemente, o da vingança política. Isso irritou a população de Blumenau, que se levantou contra o ato, julgado ofensivo aos seus brios cívicos.

Durante alguns dias, o comércio cerrou suas portas e o povo veio às ruas e, em passeatas e comícios, em que oradores inflamados pregavam o revide, até pelas armas, se preciso fôsse, manifestou a sua repulsa, o seu desagrado ao ato da interventoria.

Sòmente a prudência de alguns elementos que encabeçavam o movimento de protesto, evitou o derramamento de sangue, pois, ante as notícias de que batalhões do exército preparavam-se para vir restabelecer a ordem, já populares, mais exaltados, tratavam de organizar a defesa da cidade, numa reprodução do feito sangrento de 28 de julho de 1893.

Em meio a tudo isso, Jacob Schmitt lançou mão do recurso mais aconselhável: abandonou a cidade, que ficou, inteiramente, entregue à população exaltada.

Nada de mais grave, entretanto, aconteceu.

Voltando a vida municipal à normalidade, foi nomeado, a 4 de fevereiro de 1934, novo prefeito na pessoa do capitão Antônio Martins dos Santos o qual, agindo com prudência e compreensão, concorreu muito para que o incidente não tivesse maiores consequências.



**Q**UANDO o govêrno imperial tomou a si a direção da colônia Blumenau, esta estava numa situação financeira muito delicada. Mas as perspectivas para o futuro, eram as mais lisonjeiras. Em fins de 1859 e princípios de 1860 a produção foi de: 2.500 arrobas de açúcar, 1430 alqueires de farinha de mandioca, 101 arrobas de fumo em folha, 17.400 medidas de cachaça, 404 alqueires de feijão e 33 arrobas de café. Nêsse ano, a exportação fôra estimada em 13 contos e duzentos mil réis e a importação em 25 contos de réis.

Existiam, então, os seguintes estabelecimentos: industriais 2. 6 marceneiros, 3 pedreiros; 2 ferrarias; 6 carpinteiros; 1 lancheiro; 2 alfaiates; 3 sapateiros; 1 pedreiro; 1 latoeiro; 1 farmacêutico; 1 médico; 2 professores; 1 parteira; 1 açougueiro; 3 negociantes; 2 hospedarias; 34 engenhos de açúcar; 24 engenhos de farinha de mandioca; 2 moinhos de fubá; 3 olarias; 1 cerâmica de louça de barro; 1 cervejaria; 2 serrarias; 1 fábrica de vinagre e 1 fábrica de charutos. Havia 245 cabeças de gado vacum; 37 de cavalari, 735 de suinos e 1200 aves.

Se considerarmos que tudo isso se devia ao esforço e à fortuna de um só homem, temos de convir que muito fôra alcançado nos dez anos, desde a fundação da colônia. E, como se sabe, a fortuna de que Blumenau pôde dispôr, foi reduzidíssima. E a colônia devia se estender por uma área de 24 léguas quadradas, sôbre a qual haviam sido feitos, até então, apenas 6 quilômetros e 844 metros de estradas carroçáveis e cêrca de 11 quilômetros de caminhos para pedestres e cavaleiros. O número de lotes coloniais ocupados era de 169, que incluíam uma área de 5.408 hectares. Durante os dez anos, haviam nascido 143 crianças, 15% sôbre o total da população e verificaram-se 69 óbitos, ou 7% da população.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

# Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

SETEMBRO DE 1960

1.º — O comandante da região militar, General Benjamin Galhardo, visita Blumenau, inspecionando o 23.º R. I., em cujo quartel lhe é oferecido um banquete a que compareceram, além da respectiva oficialidade, as autoridades municipais, representantes da Associação Comercial e pessoas gradas. O Cel. Newton Machado Vieira, comandante do regimento, saudou o homenageado, que respondeu, agradecendo.

— Os festejos programados para a "Semana da Pátria" têm início com o hasteamento da bandeira nacional, às 9 horas, na praça Hercílio Luz, ao som do hino nacional, executado pela banda do regimento, presentes as autoridades locais.

— O recenseamento geral, marcado para esta data, tem o seu início nesta cidade.

2 — Dia da fundação de Blumenau. Feriado para as escolas e repartições públicas. Como sempre, também neste, o aniversário da cidade ocupa lugar de destaque na comemoração da "Semana da Pátria". Em solenidades junto à estátua do fundador de Blumenau e marco do Imigrante, é orador oficial o sr. F. C. Allende, presidente da AIRVI. Na sessão solene da Câmara Municipal, fala o dr. Bernardo Werner. O 23.º R. I. dedicou uma homenagem especial aos voluntários da pátria blumenauense, da guerra do Paraguai, fazendo-se, no ato, a chamada simbólica dos mesmos.

— O Hotel Rex comemora o seu 10.º aniversário de existência, fato que é mencionado na imprensa com honrosas e elogiosas referências ao estabelecimento exemplar, e à pessoa do seu eficiente administrador, sr. Franck.

— A já tradicional exposição anual de orquídeas, localizada, novamente, no inacabado edifício da Casa Peiter, alcança pleno êxito, deleitando os numerosos visitantes os exemplares expostos, especialmente as numerosas espécies de "olho de boneca" (dendrobiums). Dias depois, serve o mesmo local de exposição de fotografias das obras realizadas no governo do prefeito F. G. Busch Júnior, inaugurada com a presença do sr. Jânio Quadros, candidato à presidência da República.

7 — Dia da Pátria. Culminam, neste dia, os festejos iniciados no princípio da semana, com o grande desfile cívico-militar, realizado, neste ano, na Alameda Rio Branco, onde, como sempre acontece, se reúne grande massa popular de milhares de pessoas, em patriótica solidariedade, na data magna da Nação. Após o encerramento solene, com o arriamento da bandeira, às 18 horas, quando fala o exmo. sr. dr. Juiz de Direito, Marcílio João da Silva Medeiros, realiza-se, à noite, o já tradicional "Concurso de Bandinhas", que tocam ao longo da rua 15 de novembro, em palanques ali armados.

8 — Falece o sr. Charles Ritter, diretor da firma Carlos Hoepcke S/A, Comércio e Indústria, que, desde 1913, trabalhou na nossa zona, como representante desse estabelecimento, primeiro na qualidade de caixeiro viajante e, depois da instalação da filial de Blumenau, como gerente da mesma, quando, em 1942, foi nomeado inspetor geral da firma. Eleito diretor em 1956, exerceu o cargo até a sua morte. Suíço de nascimento, o falecido era vinculado a tradicionais famílias blumenauenses, pelo seu casamento com dona Estefânia Altenburg, existindo dessa união duas filhas e vários netos.

— Outros falecimentos de conhecidas famílias blumenauenses ocorrem no decorrer deste mês, entre os quais o das senhoras Cecília Marlos e Helena Pauli.

9 — Bancários da nossa cidade se reúnem para formar a sua sociedade de classe, elegendo para presidente o sr. Paulo Flôres, do "Satélite"; 1.º secretário Herbert Hadlich, do "Inco"; 1.º tesoureiro Waldemar Nunes, do "Banmérico".

— Outra sociedade de classe, recém-fundada, a dos garçons, comunica, em dia do mês, os nomes dos membros eleitos, para a diretoria: presidente, sr. Rolando Klueger, 1.º secretário, sr. Eduardo Cunha e 1.º tesoureiro, sr. Reinaldo Carvalho.

10 — É noticiada a formação de um Clube de jovens, que tem por objetivo auxiliar estudantes necessitados, no que diz respeito à aquisição de material para o estudo, como na contribuição do pagamento das despesas de pensão dos mesmos.

11 — Grande comício do sr. Jânio Quadros, candidato à presidência da república. Falam na ocasião, também, Hercílio Deeke, candidato a prefeito de Blumenau, Carlos Gomes de Oliveira, candidato a vice-governador, Irineu Bornhausen, candidato a governador, Milton Campos, candidato a vice-presidente da república.

13 — Com uma entrevista concedida pelo dr. Marcílio Medeiros à "A Nação", em que o sr.

juiz eleitoral da 3.ª Zona dá esclarecimentos referentes ao pleito de 3 de outubro, seguida, dias depois, de um apêlo aos partidos políticos para que conduzam a campanha eleitoral com dignidade e elevado critério, entra a fase pré-eleitoral em seu último estágio, com a publicação das seções eleitorais da 3.ª Zona, constituída pelos municípios de Blumenau, Gaspar e Pomerode, perfazendo o número total de 29.906 eleitores, distribuídos: em Blumenau 21.443, em 85 seções. Em Gaspar, 4.838 eleitores em 29 seções e, em Pomerode, 3.725 eleitores em 17 seções. A conduta da propaganda, infelizmente, não corresponde às normas aconselhadas pelo juiz, excedendo-se, nos últimos dias, em ataques pessoais.

17 — Chega à cidade, em visita oficial, o governador Heriberto Huelse, que inaugura obras de seu governo e lança pedras fundamentais de outras.

— Durante o mês, anuncia-se: que o SESC. instalará um jardim da infância para os filhos dos seus associados; que a "Campanha Bandeirante", pretende estabelecer um posto em Blumenau, sob os auspícios do Lions Club e colaboração de d. Miriam Kohler, esposa do médico dr. Armando Kohler, tendo visitado a nossa cidade uma instrutora do movimento, srta. Carmen Englert, de Porto Alegre; que vários incêndios ocorreram, tendo sido destruída a casa de um operário no bairro do Garcia, ameaçando outro, nas matas, casas de moradores de Ponta Aguda.

## Aos Nossos Prezados Assinantes:

Motivos ligados à enorme alta do custo da matéria prima e mão de obra, obrigam-nos a elevarmos, em 1961, o custo da assinatura anual desta revista para Cr\$ 150.00. Ao par da realidade brasileira, os nossos prezados amigos saberão compreender as razões que nos compelem a esse aumento e, estamos certos, continuarão a distinguir-nos com a sua preferência e o seu apêlo material e moral. Desde já, a todos, os nossos agradecimentos.

# Primeiros assaltos de bugres no Itajaí

Paulo Kellner foi um dos primeiros dezessete imigrantes, com os quais, em 1850, o dr. Blumenau deu começo aos trabalhos de povoamento e colonização do Vale do "Garcia", de onde se originou a cidade que traz o nome do grande filósofo alemão.

Tinha êle 23 anos quando chegou a Blumenau. Disposto a não se confinar nos limites de um simples lote colonial, pensou em realizações de maior vulto, onde pudesse dar expansão ao seu espírito de iniciativa, realizador. Adquiriu, por isso, um terreno à margem do Itajaí-mirim, entre Itajaí e a futura colônia de Brusque, para onde mudou-se em 1855.

Montou, ali, um engenho de serrar madeiras e, quando estava ocupado em aplainar o terreno para essa construção, em companhia de outros trabalhadores, foi assaltado pelos bugres.

O dr. Fritz Mueller, que foi chamado, com urgência para atendê-lo, pois ficara seriamente ferido, assim conta o fato, em carta que escreveu ao sr. Lamprecht em 12 de maio de 1856:

"A 9 de novembro de 1855, o meu amigo Paulo Kellner estava ocupado, juntamente com um trabalhador belga e outro suíço, nas suas terras do Itajaí-mirim, algumas horas para cima do último morador, fazendo um açude para o seu engenho de serra.

Depois do meio dia, êle já havia carregado o primeiro carro e estava carregando o segundo, quando o belga, de repente gritou: "Olha os bugres!"

Kellner voltou-se e viu, a poucos passos diante dêle, numa pequena elevação, uns oito indivíduos côr-de-cobre, nós, que, com o maior sangue frio dêste mundo retesavam os seus arcos.

O forte e audacioso Kellner avançou para êles ameaçando-os com uma pá; um dos bugres pulou para trás, enquanto outro rebatia a pá com o arco, logo depois de ter disparado uma flecha, destinada ao peito de Kellner, mas que lhe perfurou o braço direito, pouco abaixo do ombro. Ao mesmo tempo, os seus dois companheiros caíam varados por flechas. E, enquanto Kellner corria para casa, que ficava a uma distância de uns oitenta passos, foi atingido, nas costas, por um segundo flechaço. Êle gritou pela mulher do suíço, para que lhe trouxesse uma espingarda. A mulher, porém, apavorada, desorientada veio com um tição aceso. Êle mesmo foi, então, buscar a espingarda e, com as duas flechas, de mais de um metro de comprimento, cravadas no corpo, conseguiu ainda dar cinco ou seis tiros nos bugres, que, escondendo-se por detrás dos troncos do mato, desapareceram.

O suíço tivera o coração varado por uma flecha e morrera instantaneamente. O belga, que era o mais alto e o mais forte dos três, fôra

atingido por duas flechas de pontas de ferro, as quais, entrando pelas costas, cravaram-se na parede interior do peito.

Kellner e a mulher do suíço conseguiram colocá-lo na canoa e o primeiro pôs-se a remar rio abaixo, com grande dificuldade.

Em virtude dos grandes ferimentos que recebera, êle, certamente, não teria alcançado o vizinho mais próximo, um engenho de serra em Águas Claras, se depois de remar, mais ou menos, um quarto de hora, não lhe viessem ao encontro o seu irmão mais moço com dois outros homens. Estes, estavam ausentes, já havia alguns dias, pois tinham ido à Barra do Rio buscar mantimentos.

Assim, chegaram em Águas Claras, onde, no mesmo dia à noite, o belga morreu.

Kellner deixou que lhe arrancassem a flecha. Três homens tiveram que puxá-la com força, pelas costas, pois a farpa havia se prendido a uma costela e esta teve de ser quebrada. Só mais tarde eu consegui reajustá-la.

No dia seguinte, o ferido foi transportado para a Barra do Rio, onde um amigo o acolheu e o tratou em sua casa”.

(O dr. Blumenau e Fritz Mueller foram chamados. Ambos cuidaram do ferido e foram bem sucedidos. Já a 17 de novembro quizeram regressar à colônia Blumenau. Entretanto, um forte temporal os impediu. Tiveram que ficar e, a 19, puderam observar como a enchente rebentava as paredes da casa do dr. Blumenau. Sômente a 23, começaram a viagem rio acima, com cinco remadores.)

“De Águas Claras, subiu-se o rio até o terreno de Kellner, onde se dera o assalto. Verificou-se que as caixas e malas haviam sido arrombadas; armas, ferramentas, vestidos e roupa branca tudo havia desaparecido. A farinha fôra espalhada e os sacos também haviam sido levados. Um grande garrafão de cachaça estava intacto, sôbre a mesa. O relógio de parede fôra atirado à rua, diante da porta e marcava as seis e meia, possivelmente a hora em que o tinham tirado do lugar. Também um violino ainda ali estava. Um taboleiro de xadrês fôra levado e o cachorro havia desaparecido, provàvelmente comido pelos bugres. O corpo do suíço fôra despojado da vestimenta.

Kellner reagiu bem aos ferimentos e, em pouco tempo, recuperou-se e, desde o novo ano de 1856 continuou a construção do seu engenho de serrar.

O presidente da província, indenizou-o com 500 mil réis — (Cr\$ 500,00)”.

(De uma carta ao sr. Lamprecht, de 12 de maio de 1856).

# ÍNDICE GERAL DO III.º TOMO

	Pag.
NOVA CAMINHADA — Redação . . . . .	1
MACHADO DE ASSIS E LAURO MUELLER — Arnaldo Brandão . . . . .	2
BUGRES E ONÇAS — . . . . .	4
A NOSSA CAPA — Redação . . . . .	4
FRANCICANOS NO VALE DO ITAJAÍ . . . . .	5
CORREIO HÁ 135 ANOS ATRÁS . . . . .	9
SIGNIFICATIVO ACONTECIMENTO . . . . .	12
UM FUNCIONÁRIO EXEMPLAR (Hermann Wendeburg) . . . . .	15
O CLUBE BLUMENAUENSE DE CAÇA E TIRO — Frederico Kilian . . . . .	21
HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DA PENHA — Hitoshi Nomura . . . . .	22
CARROCINHA DO LEITE — (Poema de saudade) . . . . .	23
NOTÍCIA ALVISSAREIRA . . . . .	30
MAX MAYR — Danilo Mayr . . . . .	34
UM PEQUENO FRADE FAZ UMA GRANDE HISTÓRIA . . . . .	41
OS ÍNDIOS DA BACIA DO ITAJAÍ — Frederico Deeke . . . . .	48
HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DA PENHA — Marcos Konder . . . . .	50
FRITZ MULLER E DARWIN — Hitoshi Nomura . . . . .	53
UM VETERANO DEPÕE — Augusto Sievert . . . . .	61
“KRISHAN” — Gertrud G-Hering . . . . .	69
CRÔNICA SÓBRE A CIDADE DE RIO DO SUL — Pastor Stoer . . . . .	74
CORRESPONDÊNCIA DE FRITZ MULLER — Hitoshi Nomura . . . . .	76
LAJES, CEM ANOS DE CIDADE . . . . .	81
O “SCHIRMONCKEL” — Gertrud G-Hering . . . . .	85
O ÚLTIMO DESEJO — Gertrud G-Hering . . . . .	86
CERVEJA E... LATIM — . . . . .	94
A NOVA MATRIZ DE BLUMENAU — Arnaldo Brandão . . . . .	95
O CENTENÁRIO DE HERCÍLIO LUZ — . . . . .	96
TIJUCAS, MUNICÍPIO CENTENÁRIO — Sebastião Cruz . . . . .	101
ITAJAÍ, CEM ANOS DE MUNICÍPIO — J. Ferreira da Silva . . . . .	103
NOVO BRASÃO MUNICIPAL . . . . .	108
TIJUCAS . . . . .	110
A enchente de 1880 na poesia — A. Teutônio da Costa . . . . .	121
ENTERROS DO PASSADO . . . . .	128
NOS TEMPOS DA COLÔNIA — . . . . .	130
VIVA O IMPERADOR! . . . . .	131
FREI ESTANISLAU SCHAETTE O.F.M. . . . .	132
FRAU SCHELLE CONTA... Hermann Aichinger . . . . .	135
Salve, Brusque! . . . . .	141
BRUSQUE CENTENÁRIA — Sebastião Cruz . . . . .	142
A FAMÍLIA RENAUX — . . . . .	146
OS VON BUETTNER . . . . .	149
MEMÓRIAS DE UM COLONIZADOR — Henrique Hacker . . . . .	153
CERVEJARIAS DE BLUMENAU — J. Ferreira da Silva . . . . .	161
O FEITIÇO DAS ÁRVORES — Cristiana Deeke Barreto . . . . .	171
UM RETROSPECTO — Gertrud G-Hering . . . . .	172
O VALE DO ITAJAÍ EM 1855 — . . . . .	181
O VELHO BLUMENAU (Hospital Municipal) . . . . .	184

NEOLOGISMO BLUMENAUENSE — Cristiana Deeke Barreto . . . . .	188
O PADRE JOSÉ MARIA JACOBS — Gertrud G-Hering . . . . .	189
Ângelo Dias . . . . .	191
UMA DATA NA HISTÓRIA DE INDAIAL . . . . .	196
OUTRA DISTINÇÃO A GASPAR . . . . .	197
BLUMENAU E FRITZ MULLER — Alfred Moller . . . . .	201
CASAMENTO VERDE . . . . .	204
BLUMENAU EM 1860 . . . . .	210
UM APÊLO . . . . .	212
MEMORÁVEL OCORRÊNCIA . . . . .	212
A IMPRENSA EM ITAJAÍ — Almirante Lucas Boiteux . . . . .	213
GRAU 10 . . . . .	216
TRINKSPRUECKE . . . . . 218 e	223
COISAS DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA . . . . .	220
O VALE DO “VELHA”, OUTRORA E HOJE — Gertrud G-Hering . . . . .	222
REFLEXÕES E MEMÓRIAS DE UM DEPUTADO DE BITOLA ESTREITA — Marcos Konder . . . . .	224
FIGURAS DO PASSADO: Eduardo Schadrack . . . . .	57
Engenheiro Rodolfo Ferras . . . . .	116
Victor Gaertner . . . . .	137
Apolônia von Buettner . . . . .	205
Leopoldo Hoeschl . . . . .	225
BENEDITA INGLAT . . . . .	229
ÍNDIOS DO VALE DO ITAJAÍ . . . . .	231
GRANDE ACHADO CIENTÍFICO DE FRITZ MUELLER — Hitoshi Nomura . . . . .	232
O NATAL DA BUGRINHA — J. Ferreira da Silva . . . . .	233
HONROSAS PALAVRAS . . . . .	235
ESTANTE DOS “CADERNOS” — . . . . . 17, 37, 52, 91, 180 e	236
ADMINISTRADORES DE BLUMENAU: 6.º — Fritz Mueller . . . . .	11
7.º — Guilherme Engelke . . . . .	31
8.º — Francisco Faust . . . . .	51
9.º — Henrique Probst . . . . .	71
10.º — Otto Stutzer . . . . .	83
11.º — Dr. J. Bonifácio Cunha . . . . .	113
12.º — Alvin Schrader . . . . .	133
13.º — Paulo Zimmermann . . . . .	155
14.º — Curt Hering . . . . .	175
15.º — João Kersanach . . . . .	193
16.º — Antônio C. de Figueiredo . . . . .	209
17.º — Jacob Schmitt . . . . .	237
ACONTECEU... (C. Deeke Barreto) 19, 38, 58, 79, 98, 115, 138, 157, 177, 199, e	214
BLUMENAU E SEUS MONUMENTOS . . . . .	3
O QUE DIZEM DE NÓS . . . . . 8, 56 e	82
ESTANTE DOS “CADERNOS” — . . . . . 17, 37, 52, 91 e	180
BLUMENAU PITORESCO — . . . . . 73, 129, 174, 195 e	203
FLAGRANTES DA HISTÓRIA DE RIO DO SUL — Victor Luvás 24, 87, 125 e	185
FIGURAS DO PRESENTE: Otto Wille . . . . .	93
Marcos Konder . . . . .	109
Irmã Aloysianis . . . . .	151
PRIMEIROS ASSALTOS DE BUGRES NO ITAJAÍ — . . . . .	241

**CÂMARA MUNICIPAL**

de

**BLUMENAU**

**FÁBRICA DE GAZES MEDICI-**

**NAIS CREMER S/A**

Caixa postal, 80 — Blumenau

**CASA BUERGER**

Rua 15 de novembro, 505

**ELETRO-AÇO ALTONA S/A**

Caixa postal, 30

**INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE  
MADEIRAS S/A**

Caixa postal, 48 — ITAJAÍ

**FÁBRICA DE TECIDOS CARLOS**

**RENAUX S/A**

BRUSQUE — Sta. Catarina

# Boas Festas Próspero ANO NOVO

**SOCIEDADE BENEFICIADORA**

**DE MADEIRAS LTDA.**

Rua Nereu Ramos — Blumenau

**“ S A M A R C O ”**

BLUMENAU — ITAJAÍ

**COMPANHIA FÁBRICA DE PA-**

**PEL ITAJAÍ**

ITAJAÍ — Sta. Catarina

**PORCELANA SCHMIDT S/A**

POMERODA — RIO DO TESTO

**SOCIEDADE COMERCIAL CATA-**

**RINENSE**

Casa Brueckheimer

BLUMENAU — Sta. Catarina

**EMPRESA INDUSTRIAL**

**GARCIA S/A**

Caixa postal, 22 — Blumenau

## **BOAS FESTAS**

## **FELIZ ANO NOVO**

**COMPANHIA DE CIGARROS  
SOUZA CRUZ**

Rua Amazonas, 2500 - Blumenau

**KURT PRAYON**

Rua Hermann Hering, 1125

**GRÁFICA 43 S/A**

Cx. postal, 90 — Blumenau

**SUL FABRIL S/A**

Caixa postal, 243 — BLUMENAU

**HOTEL REX**

Rua 7 de setembro - Blumenau

**MÓVEIS FOLLONI**

Rua Barão do Rio Branco, 149

CURITIBA — Paraná

**AUTO-MECÂNICA ALFREDO  
BREITKOPF**

Caixa postal, 343 — Blumenau

**CASA WILLY SIEVERT**

Rua 15 de novembro, 1526

**INDÚSTRIAS GERAIS CÁSSIO  
MEDEIROS S/A**

Blumenau — Sta. Catarina

**ARTEX S/A**

Caixa postal, 10 — Blumenau

**CASA DO AMERICANO**

Blumenau — Sta. Catarina

**COMPANHIA CATARINENSE  
DE SEGUROS GERAIS**

**MALHARIA MAJU S/A**

Caixa postal, 150 — Blumenau

**COMPANHIA HEMMER  
INDÚSTRIA E COMERCIO**

Caixa postal, 169 — Blumenau

**TRANSPORTADORA  
BLUMENAUENSE S/A**

Rua Sete, 1596 — Blumenau

**PÁTRIA — COMPANHIA BRASI-  
LEIRA DE SEGUROS GERAIS**

ITAJAÍ — Sta. Catarina

**CASA PEITER**

Rua 15 de novembro, 563

**SOCIEDADE AMIGOS DE  
BRUSQUE**

BRUSQUE — Sta. Catarina